

COMPARAÇÃO ENTRE A FREQUÊNCIA DE ISOLADOS BACTERIANOS OBTIDOS A PARTIR DA CULTURA DE AMOSTRAS CLÍNICAS DE CÃES E GATOS ATENDIDOS EM UM COMPLEXO VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO PAULISTANO

PELEGRINO, A. P. D.; FORTE, D. C.; BENTUBO, H. D. L.2

1 Discente do Curso de Medicina Veterinária. Universidade Cruzeiro do Sul, *Campus* São Miguel, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: Deborah.c.forte@gmail.com.

2 Docente responsável pelo Laboratório de Medicina Veterinária Preventiva, Universidade Cruzeiro do Sul, *Campus* São Miguel, São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: hbentubo@yahoo.com.br.

Embora os mesmos agentes infecciosos possam acometer tanto cães como gatos, a frequência na qual eles ocorrem depende de inúmeros fatores, o que influencia diretamente a epidemiologia das doenças produzidas por esses microrganismos. Para verificar a frequência das bactérias isoladas de casos suspeitos de infecção de 304 cães e 61 gatos, foram tabulados dados obtidos do livro de registros do Laboratório de Medicina Veterinária Preventiva da Universidade Cruzeiro do Sul. As infecções bacterianas foram confirmadas em 168 (55,3%) cães e 20 (32,8%) gatos. As bactérias Gram-positivas e negativas representaram, respectivamente, 31,5% e 68,4% dos isolados de cães, e 55% e 45% daqueles obtidos dos gatos. Cistites (46,2% dos cães e 26,2% dos gatos) e otites (22,4% dos cães) foram as principais afecções diagnosticadas na população. Ressalta-se a grande importância do diagnóstico para o acompanhamento de pacientes portadores de doenças crônicas, visando a prevenir possíveis agravos que possam levar os animais à seps e morte. **Agradecimentos:** Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Cruzeiro do Sul. **Palavras-chave:** Cães. Gatos. Laboratório clínico. Doenças bacterianas.

HIPOGLICEMIA PARANEOPLÁSICA ASSOCIADA A CARCINOMA MAMÁRIO EM CADELA

CASTRO, P. F.1; FANTONI, D. T.2; TORRES, L. N.3; MATERA, J. M.2

1 Serviço de Cirurgia de Pequenos Animais, HOVET, FMVZ, USP, São Paulo, SP, Brasil.

2 Departamento de Cirurgia, FMVZ, USP, São Paulo, SP, Brasil.

3 Serviço de Patologia Animal, HOVET, FMVZ, USP, São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: pfcastro@usp.br.

Em seres humanos portadores de carcinomas com envolvimento ductal, a patogênese da hipoglicemia pode ser relacionada com a produção aberrante de insulina ou, mais frequentemente, de substâncias semelhantes à insulina produzidas por células tumorais, além da utilização de glicose pelo próprio tumor no caso de grandes massas. Relata-se o caso de cadela da raça Poodle, com 15 anos de idade, 3kg de peso, castrada, com histórico de neoplasia em glândula mamária observada há um ano e com crescimento exacerbado há 30 dias, atendida devido a quadro de prostração após ter sofrido queda em ambiente doméstico, ao qual se associou à condição hipoglicêmica (glicose = 32 mg/dL) verificada durante exame clínico. Hemograma completo, perfil hepático e renal, dosagem pareada de glicose e insulina séricas, ultrassonografia abdominal e radiografia torácica realizados não mostraram alterações, exceto pela presença de anemia regenerativa normocítica hipocrômica, manutenção do quadro hipoglicêmico (glicose = 23 mg/dL) e aumento discreto da fosfatase alcalina (=196,2). Foram realizadas terapia suporte ineficaz para controle da hipoglicemia e controle da pulciose intensa, seguidas de mastectomia parcial para exérese do tumor de grande dimensão, cujo exame anatomopatológico revelou tratar-se de carcinoma mamário simples sólido com margens cirúrgicas livres. A glicemia permaneceu dentro da faixa de normalidade no período pós-operatório imediato, bem como ao longo do período subsequente de seis meses. Com base na história e resultados dos exames, causas prováveis de hipoglicemia como insuficiência hepática grave, hipoadrenocorticismo e insulinoemia foram excluídos. A etiologia provável para a ocorrência da hipoglicemia foi a de síndrome paraneoplásica, constatada pela presença do carcinoma mamário e baixas concentrações de glicose sérica seguida pelo retorno da normoglicemia logo após a excisão do tumor. Na literatura há um único relato de carcinoma mamário em cães associado à hipoglicemia paraneoplásica, descrito em 2010 por Rossi e colaboradores, que acometeu uma labradora diabética de seis anos de idade. **Palavras-chave:** Hipoglicemia paraneoplásica. Carcinoma mamário. Cães, fêmea.

NEFROLOGIA E UROLOGIA

AGENESIA RENAL UNILATERAL EM CÃO: RELATO DE CASO

VIRGILI, A.1; GOMES, R. R.2; GRANATO, T. M.3

1 Graduanda em Medicina Veterinária pela FMU.

2 Médica-veterinária Clínica de cães e gatos.

3 Médica-veterinária ultrassonografista.

E-mail: dogdumas@dogdumas.com.br.

Introdução: A agenesia renal unilateral é a ausência de um só rim onde o animal poderá viver de forma satisfatória. É uma doença rara e os animais acometidos podem ser assintomáticos por toda a vida. A etiopatogenia da doença em pequenos animais é incerta. Alguns autores relataram predisposição racial incluindo Pastor de Shetland, Doberman Pinscher e Beagle. A perda da massa renal funcional ou a ausência de um rim leva à hipertrofia dos néfrons remanescentes e inicialmente a função renal é mantida dentro dos valores de referência. A literatura cita inúmeras formas de diagnóstico, mas a principal alteração é a visualização da ausência renal em exames complementares de imagem. **Metodologia/Relato de Caso:** Foi atendido na clínica veterinária Dog Dumas e em janeiro de 2016 um cão, macho, Shih tzu de sete semanas de idade em bom estado geral. O animal foi atendido para realização de *check-up* com exames complementares incluindo hemograma, bioquímico e ultrassonografia abdominal. Não apresentou alteração hematológica e em bioquímica sérica apresentou discreta hiperfosfatemia. Em exame ultrassonográfico foi avaliada a ausência do rim direito e, diante desse resultado, foi firmado o diagnóstico de agenesia renal unilateral. Ao exame físico o animal não apresentou alteração, assim como sintomatologia ausente. Considerando o estado geral favorável, foram recoletadas novas amostras sanguíneas como forma de controle em cerca de cinco meses após o diagnóstico. Foram apresentadas hiperfosfatemia de 7,10 mg/dl e hipercalemia de 6,10 mEq/L. Ultrassonograficamente apresenta delimitação corticomedular reduzida e discreta dilatação pélvica de rim contralateral. **Discussão:** A agenesia renal é uma doença infrequente e com poucos relatos em animais de pequeno porte, nos quais também foram observadas outras anômalas urológicas concomitantes e predisposição racial; porém, o animal do presente estudo não pertence a essa classificação e não apresentou quaisquer anormalidades urológicas concomitantes. **Conclusão:** A agenesia renal é uma doença rara e, por não haver abundante descrição literária e sua etiopatogenia ser ainda incerta, assim como ausência de sintomatologia, deve-se considerar de suma importância a realização de exame complementar precoce e periódico. **Palavras-chave:** Agenesia renal unilateral. Cães.

INFECÇÃO CRÔNICA DO TRATO URINÁRIO INFERIOR SECUNDÁRIA A DEFEITO ANATÔMICO ADQUIRIDO EM GENITÁLIA EXTERNA DE MACHO CANINO

SILVA, A. M.1; MEDEIROS, V. B.1; FERNANDES, K. S. B. R.1; RODRIGUES, R. T. G. A.1; FILGUEIRA, K. D.1

1 Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), Mossoró, RN, Brasil.

E-mail: alemoreiravet@yahoo.com.br.

Introdução: A infecção do trato urinário (ITU) é frequente na rotina clínica de cães. Pode ser classificada como aguda ou crônica e as alterações do hospedeiro vêm a predispor ou perpetuar o processo infeccioso. O presente trabalho descreve um caso de ITU crônica, em decorrência a alterações genitais, em um cão. **Método/Relato de Caso:** Um canino, macho, com sete anos de idade, da raça Pastor Alemão, apresentava dificuldade de micção há seis meses. Existia o relato progresso de terapias insatisfatórias. Também havia o histórico de instalação de miasse, próxima ao pênis, anterior à sintomatologia urinária. O paciente foi submetido à avaliação física. Optou-se pela realização de urinalise, urocultura com antibiograma e ultrassonografia abdominal. Prescreveu-se amoxicilina com ácido clavulânico (25mg/kg, a cada 12 horas, por quatro semanas) e antissepsia local com sabonete de triclosano 1%, até novas recomendações. Após o final da antibioticoterapia foi executada outra cultura urinária. **Resultados e Discussão:** Clinicamente, constatou-se ausência da porção crânio-ventral do prepúcio, com exposição contínua da glândula peniana. Ocorriam disúria e polaciúria. Os principais achados na primeira urinalise corresponderam à piúria, bacteriúria e hematúria. Na urocultura identificou-se a bactéria *Escherichia coli*, a qual demonstrou sensibilidade ao antimicrobiano amoxicilina com ácido clavulânico. A imagiologia foi sugestiva de cistite. O animal apresentou completa remissão dos sinais clínicos após o término da terapia, com negatividade da segunda cultura da urina. A maioria dos patógenos do sistema geniturinário ascende pela uretra até a bexiga, onde há adesão, multiplicação e persistência de um número suficiente de bactérias para causar ITU. O prepúcio é uma cobertura cutânea e corresponde a uma proteção mecânica para o meato urinário dos machos. No caso em questão, a perda parcial da cavidade prepuccial,

secundária à infestação por larvas de insetos da família *Muscidae*, equivaleu a um fator predisponente para a infecção. A cronicidade dela, além de ter sido relacionada com tal fator, também foi influenciada pelo manejo terapêutico anterior inadequado. A manutenção do antisséptico tornou-se importante para minimizar a população bacteriana focal e, consequentemente, reduzir o risco de ITU. **Conclusão:** Em casos de ITU crônica canina, deve-se considerar a relação com distúrbios anatômicos locais.

Palavras-chave: Doenças do trato urinário. Cães, macho.

CORRELAÇÃO DAS DOENÇAS DO TRATO URINÁRIO INFERIOR E SUPERIOR E REFLEXO NO PROGNÓSTICO DO PACIENTE CANINO

SILVA, A. M.1; MEDEIROS, V. B.1; FERNANDES, K. S. B. R.1; RODRIGUES, R. T. G. A.1; FILGUEIRA, K. D.1

1 Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), Mossoró, RN, Brasil.

E-mail: alemoreiravet@yahoo.com.br.

Introdução: A urolitíase canina ocorre em qualquer local do sistema urinário, embora seja comum na porção inferior. Não deve ser considerada como doença isolada, mas, sim, como um somatório de outras afecções, incluindo as enfermidades do parênquima renal. O presente trabalho descreve o paralelismo de moléstias no trato urinário inferior e superior e o desfecho clínico em um canino. **Método/Relato de Caso:** Uma cadela, com dois anos de idade, da raça Rottweiler, possuía astenia. Há seis meses a fêmea foi diagnosticada como sororreagente para leishmaniose visceral e iniciado o tratamento apenas com alopurinol. A paciente foi submetida à avaliação física. Em seguida, solicitou-se hemograma completo, bioquímica sérica renal e ultrassonografia abdominal. A cadela veio a óbito, sendo encaminhada para necropsia. O material obtido foi destinado à avaliações histopatológica e físico-química. **Resultados e Discussão:** Constatou-se hipertermia e dor abdominal mesogástrica. As provas laboratoriais sanguíneas indicaram leucocitose e azotemia. A imagiologia revelou dilatação da pelve renal direita. O exame necroscópico detectou rim direito com aumento das dimensões. Na secção do órgão observou-se drenagem de exsudato purulento e atrofia completa do parênquima. Na porção proximal do ureter ipsilateral existia um cálculo com 1,5cm de comprimento. A histopatologia renal evidenciou pielonefrite severa e a análise da composição mineral do urólito indicou que ele correspondia a um cálculo de xantina. A causa mais comum para o surgimento dos urólitos de xantina é a terapia com o alopurinol. Tal citação justificou o desenvolvimento do cálculo do animal em discussão. A pielonefrite (inflamação/infecção da pelve e parênquima renal) pode ser por refluxo ureteral secundário a urólitos. No caso em questão, o cálculo ureteral de xantina impediu o trajeto normal de urina, com retrocesso do conteúdo para o tecido renal e consequente dilatação do órgão por acúmulo gradual do excremento. A contaminação secundária dele, por bactérias piogênicas, gerou o processo infeccioso renal. A presença mútua e correlata das enfermidades urinárias possivelmente tornou o prognóstico desfavorável para a cadela em questão. **Conclusão:** Em cães, deve-se atentar para a apresentação conjunta de moléstias urinárias. Embora por vezes com etiologias distintas, é essencial à investigação da possibilidade de interações. **Palavras-chave:** Doenças do trato urinário. Cães, fêmea.

MEGAURETER ASSOCIADO À URETEROLITÍASE E DOENÇA RENAL CRÔNICA EM FELINO: RELATO DE CASO

ROMANO, F. S.1; FIORAVANTI, H.1; SCIULLI, G.1;

MIZIARA, R. H.1; WIRTHL, V. A. B. F.2; KOGIKA, M. M.3

1 Médicos-veterinário Residente do HOVET, USP, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: felipe.med.vet@hotmail.com.

2 Médica-veterinária do Serviço de Clínica Médica do HOVET, USP, São Paulo, SP, Brasil.

3 Professora do Departamento de Clínica Médica e Responsável pelo Serviço de Clínica Médica de Pequenos Animais da FMVZ, USP, São Paulo, SP, Brasil.

A obstrução ureteral acomete principalmente felinos jovens, muitas vezes secundária à hipercalemia idiopática ou ao manejo nutricional inadequado; formação de tampões ou de estenose congênita ou iatrogênica. O trabalho descreve um caso clínico e elucida aspectos relacionados ao diagnóstico e tratamento da ureterolitíase felina. Foi atendido pelo Serviço de Clínica Médica do HOVET-USP um felino, fêmea, siamesa, com 14 anos de idade, castrada, que apresentava queixa de êmese, oligúria e hiporexia há quatro dias. O animal apresentava desidratação moderada, dor abdominal mesogástrica intensa, normoglicemia, acidose metabólica discreta, hiponatremia, hipocloremia, hipercalemia intensa, azotemia importante. Na ultrassonografia abdominal foram visibilizados rim esquerdo reduzido, pouca definição corticomedular, aumento de ecogenicidade cortical e moderada dilatação de pelve com dilatação ureteral em toda extensão de até 2,2cm, com duas estruturas hiperecoicas. O rim direito apresentava dimensões preservadas, pouca definição corticomedular, aumento de

ecogenicidade cortical, sem evidências de megareter. O diagnóstico estabelecido foi de doença renal crônica agravada por obstrução ureteral (ureterolitíase). Foram realizadas as manobras de correção hidroeletrólítica, analgesia e terapia farmacológica para progressão do urólito. Contudo, o animal desenvolveu quadro de anúria e alterações neurológicas sugestivas de encefalopatia urêmica, culminando em óbito. A obstrução ureteral é um grande desafio na clínica de pequenos animais. É importante a introdução da terapia medicamentosa para progressão do urólito apesar da baixa efetividade dela. Caso não existam evidências de seu deslocamento, há indicação de intervenção cirúrgica, sendo justificada sob a certeza da viabilidade renal. Os animais com obstrução parcial ou unilateral e azotemia provavelmente possuem doença renal primária, como relatado neste caso, e as alterações laboratoriais podem persistir e progredir após desobstrução. A técnica clássica de ureterotomia é a de escolha para remoção dos ureterólitos, realizadas sob magnificação óptica. Portanto, a obstrução ureteral em felinos representa uma enfermidade de grande frustração, pois muitos animais apresentam alterações quando em fase crônica. Ademais, há limitação das técnicas operatórias pela dificuldade, custo elevado e complicações.

Palavras-chave: Doenças do trato urinário. Ureterolitíase. Felinos.

HIDRONEFROSE POR OBSTRUÇÃO URETERAL EM FELINO – RELATO DE CASO

GATTO-FUSETTI, L.1; FLORIANO, A.2; NOTAROBERTO, S.3

1 Graduanda em Medicina Veterinária PUC, Poços de Caldas, MG, Brasil.

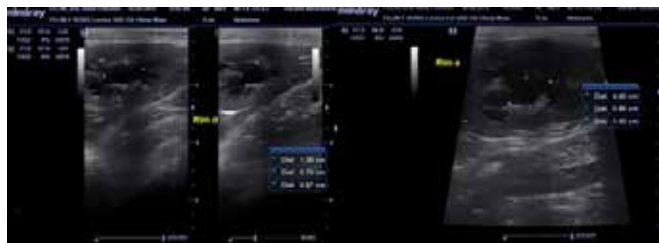
2 Médica-veterinária – Clínica Felini, Santos, SP, Brasil.

3 Médica-veterinária especializada em Ultrassonografia.

E-mail: lorenna_fusetti@hotmail.com.

Introdução: A hidronefrose consiste na dilatação primeiramente da pelve e cálices renais, associada à inflamação intersticial significativa que acontece devido à oclusão do fluxo urinário. As nefrolitíases são consideradas as principais causas de obstrução ureteral em felinos (ALPERS, 2005; ZAID et al., 2011). **Relato de Caso:** Felino, macho, SRD, castrado, com sete anos de idade e com histórico de nefrolitíases. O animal apresentou apatia, sialorréia, êmese, hiporexia e foi relatada anúria há aproximadamente 24 horas. Foram realizados exames laboratoriais e ultrassonográficos ao longo de uma semana para acompanhamento do quadro. **Resultados e Discussão:** Os valores séricos mensurados ao primeiro dia foram 288 mg/dL de ureia e 19 mg/dL de creatinina, elevando-se após quatro dias para 31 mg/dL de creatinina, fósforo de 20 mg/dL e potássio de 7,6 mEq/L. O primeiro US revelou dilatação das pelves renais e hidroureter esquerdo (Figura 1).

Figura 1 - Dilatação de pelve renal bilateral



O segundo US demonstrou hidroureter bilateral e mínimo preenchimento líquido em vesícula urinária, sugerindo considerável ausência na produção de urina (Figura 2).

Figura 2 – Hidroureter bilateral

